



OPINIÃO

2017, e a Bolsa?



ABEL SEQUEIRA FERREIRA

Director Executivo da AEM -
Associação de Empresas
Emitentes de Valores Cotados
em Mercado

À semelhança de toda a última década, 2017 será um ano muito difícil, com crónicos e muito complexos desafios, desde logo no que respeita à necessidade de fazer aumentar o investimento e o crescimento económico, e simultaneamente diminuir a carga fiscal e o peso do Estado na economia, sem perder de vista a indispensável sustentabilidade da dívida pública, ameaçada entre outros fatores pelo aumento da taxa de juro de referência e pela redução do programa de compras do BCE.

Neste contexto, parece importante manter algumas notas de optimismo em particular em áreas onde os motivos de esperança não têm abundado.

Parto de uma posição na qual acredito convictamente: Portugal precisa de um mercado de valores mobiliários eficiente e dinâmico, em complemento de um sector bancário forte e estável.

Como em todos os outros países onde cumpre essa função, um mercado de capitais eficiente que sirva a economia real constitui condição essencial do desenvolvimento económico e social sustentado e da obtenção pelo Estado dos recursos de que carece para o financiamento dos investimentos a seu cargo e da adequada gestão da sua tesouraria.

E na situação particular em que Portugal se encontra, políticas bem concebidas que fomentem o reforço da articulação entre a Bolsa e o sistema bancário e facilitem o acesso ao mercado, assegurando às empresas o recurso ao financiamento de que necessitam para o desenvolvimento da sua atividade, constituem também uma condição da alteração do modelo tradicional de endividamento e da redução do nos-

so nível de alavancagem entre os mais elevados da União Europeia.

É importante que todos compreendamos que a economia portuguesa será sempre apenas tão forte quanto o seu elo mais fraco.

Ora, na componente do financiamento e investimento na economia, visivelmente, o mercado de capitais tem sido esse elo mais fraco, assumindo uma função residual na economia.

2017 constitui uma oportunidade única, talvez a última, para tentar ainda assegurar a revitalização e utilidade do mercado português, designio que com certeza contará com o apoio das instâncias europeias.

Se existir:

- vontade política; e o Governo tem dado sinais dessa vontade, em particular através das iniciativas desenvolvidas no âmbito da Estrutura de Missão para a Capitalização das Empresas;

- empenho do regulador; e a Presidente da CMVM fez, na sua tomada de posse, um discurso que mostrou real preocupação com a situação do mercado e consciência da imperdível oportunidade de transformação e reconstrução que os momentos de crise e mudança sempre proporcionam;

- e espírito de serviço e trabalho da entidade que gere a Bolsa; esperando-se que a Euronext Lisbon saiba resolver de forma célere o processo de substituição da atual Presidente cessante, dando continuidade à dinâmica que esta soube criar no último semestre do ano em feliz contraste com o período imediatamente anterior;

então, teremos razões sólidas para optimismo.

Porque no que respeita às empresas cotadas e à Associação que as representa, nunca faltará a vontade, o empenho, o espírito de serviço e missão e o trabalho, bem comprovados pelas muitas dezenas de propostas apresentadas em prol do desenvolvimento do mercado de capitais, instrumento essencial de financiamento das empresas, do crescimento da economia e da criação de emprego.

E assim se justificam os meus (esperançosos) votos de um Bom Ano. ●